

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
21 e 29 de abril de 2025

ROUGHLY SPEAKING / 1945

(O Preço da Felicidade)

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Assistente de Realização:** Frank Heath / **Argumento:** Louise Randall Pierson (adaptado de "Roughly Speaking"), Catherine Turney / **Montagem:** David Weisbart / **Direção de Fotografia:** Joseph Walker / **Direção de Arte:** Robert M. Haas / **Música:** Leo F. Forbstein, Hugo Friedhofer, Max Steiner, Charles David Forrest / **Som:** Dolph Thomas, Gerald W. Alexander, Robert G. Wayne / **Cenários:** George James Hopkins / **Efeitos Especiais:** Roy Davidson, Hans F. Koenekamp / **Interpretação:** Rosalind Russell (Louise Randall Pierson), Jack Carson (Harold C. Pierson, Donald Woods (Rodney Crane), Robert Hutton, Jean Sullivan, Alan Hale, Andrea King, Ann Doran, Mona Freeman, Robert Arthur, Ray Collins, John Qualen, Kathleen Lockhart, Ann E. Todd.

Produção: Warner Bros. / **Produtor:** Henry Blanke / **Produtor Executivo:** Jack L. Warner / **Cópia:** 35 mm, Preto e Branco, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 116 minutos / **Estreia mundial:** Estados Unidos, 31 de janeiro de 1945 / Primeira exibição na Cinemateca.

Roughly Speaking antecede **Mildred Pierce** na filmografia de Michael Curtiz como uma espécie de "parente pobre" – e perdoem-me a expressão - destes filmes sobre mulheres "determinadas" numa sociedade - ainda mais que hoje - profundamente patriarcal. As aspas não servem aqui nenhum propósito conservador, muito pelo contrário. Esta mulher "fora da norma" que aqui nos é apresentada, acaba por ser, constantemente, reconduzida ao papel de mãe e esposa, daí a minha desconfiança na liberdade dessa "determinação". Muito mais subversivo foi **Female**, também de Curtiz, mesmo considerando a reviravolta no final, onde Alison, esta sim, paga verdadeiramente o "preço da felicidade", sendo a felicidade o ideal romântico e tradicional. Mas este é claro, um filme Pré-Código Hays.

Produzido em condições radicalmente diferentes, já com o código em pleno vigor, **Roughly Speaking** está longe de ser um dos títulos mais célebres de Michael Curtiz. Este filme troca a tensão do *film noir* – que marca o filme que o sucede - por um tom edificante e otimista, que descarta o melodrama para se tornar uma comédia familiar, alinhada com a ideia de uma América que, em plena guerra, precisava, acima de tudo, de acreditar em si mesma. Exceto no final, nunca se fala diretamente da guerra, mas

este patriotismo doméstico, que se quer inspirador, é mais que suficiente para tornar clara a mensagem.

O filme baseia-se na autobiografia de Louise Randall Pierson – adaptada pela própria –, e conta a história de uma mulher “despachada”, prática e inteligente que atravessa quatro décadas de vida americana — a morte do pai, dois casamentos, cinco filhos, a falência do marido, o crash de 1929, a Grande Depressão, e por fim a entrada na Segunda Guerra Mundial — com uma resiliência quase anedótica face a qualquer adversidade.

Rosalind Russell interpreta a protagonista com o sarcasmo e a língua afiada que já lhe conhecíamos de **His Girl Friday**, e é nesse humor que se refugia a crítica social mais evidente – mesmo que bastante conformista –, pois é também este tom leve e de piada que torna a produção do filme possível.

Louise narra o filme em *voz-off*, numa cadência que alterna entre o burlesco e o espírito de superação que o cinema americano, à época, começava a celebrar com particular insistência. Através de um ritmo acelerado, aliado a uma sucessão de episódios – característica que foi alvo de críticas na época, com o argumento de que seria difícil para o espectador envolver-se emocionalmente com os personagens, critica que talvez justifique as “acusações” a Jack Carson de uma certa unidimensionalidade no papel de segundo marido – traça-se um paralelismo entre a vida da protagonista e a própria nação americana que atravessa décadas de transformação social e económica.

No final, Louise e o marido, de filhos criados, já de cabelos brancos, estão sentados lado a lado num banco da estação de comboios enquanto a câmara se afasta e os perde na multidão, reforçando o ambicioso papel de Louise como rosto da perseverança anónima de tantas mulheres “comuns” — e é neste aspecto que o filme encontra o seu lugar numa galeria de personagens femininas que, à sua maneira, desafiaram as regras do jogo. Apesar dos insucessos acumulados o casal continua crente no sonho americano. Nesse sentido a multidão que os engole não é como a de Vidor - em **The Crowd** -, anónima, trágica e esmagadora, mas antes expressão de uma identidade americana forjada na crença de que todos contam: cada rosto, cada tentativa, cada fracasso e cada recomeço. Uma nação feita de gente comum, mas incansável, com ambições extraordinárias, onde ser parte da multidão não significa apagar-se, mas sim pertencer a um todo maior, movido por uma fé partilhada no futuro. Uma terra de infinitos recomeços, onde o medo do fracasso perde força perante a potência do que está por vir.

Tiago Leonardo